



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS

JÉSSICA CÂNDIDO DE SOUSA

Variação Linguística em Livros Didáticos

GUARABIRA

2016

JÉSSICA CÂNDIDO DE SOUSA

Varição Linguística em Livros Didáticos

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

GUARABIRA

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719v Souza, Jéssica Cândido de
Variação linguística em livros didáticos [manuscrito] / Jéssica
Cândido de Sousa. - 2016.
17 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino,
Departamento de Letras".

1. Variação linguística. 2. Livros didáticos. 3. Ensino. I.
Título.

21. ed. CDD 410

JÉSSICA CÂNDIDO DE SOUSA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS

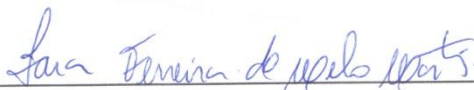
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do Grau Licenciado em Letras.

Aprovado em: 20/10/2016



Profª. Drª. Maria de Fátima de Souza Aquino / UEPB

Orientadora



Profª. Drª. Iara Ferreira de Melo Martins / UEPB

Examinadora



Prof. Mestre. Rafael Francisco Braz / UEPB

Examinador

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o tratamento da variação linguística em livros didáticos da Língua Portuguesa. Pretende-se investigar a abordagem da variação linguística e como a mesma se fragmenta em questões referentes ao conteúdo apresentado e se esse privilegia de forma significativa a variação linguística. De modo geral, é de suma importância a análise proposta, visto que, os livros didáticos são, em muitas escolas, a base para a construção do processo de ensino e aprendizagem, portanto se faz necessário investigar como se manifesta o conteúdo proposto relativo à Variação Linguística nos livros didáticos da Língua Portuguesa. A presente pesquisa fundamenta-se em teorias da Sociolinguística, Mollica(2004), Bagno (1999, 2007). Ao fim da análise dos estudos realizados, foi constatado que alguns Livros Didáticos não abordam de maneira adequada a variação.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livros Didáticos. Ensino.

Abstract

This article aims to analyze the treatment of linguistic variation in textbooks of the Portuguese language. We intend to investigate the approach to linguistic variation and how it crumbles in matters relating to the content presented and this favors significantly the linguistic variation. In general, it is very important to analyze the proposal, since textbooks are, in many schools, the basis for the construction of teaching and learning, so it is necessary to investigate how it manifests the proposed content on the Variation language in the textbooks of the Portuguese language. This research is based on theories of sociolinguistics, Mollica (2004) Bagno (1999, 2007). After the analysis of the studies, it was found that some textbooks do not address adequately the variation.

Keywords: Variation Linguistics. Didatic books. Teaching.

1. Introdução

A Língua Portuguesa apresenta diversas variantes, não há uma forma exclusiva da fala. No ato da fala as variações referem-se a questões regionais, culturais, históricas e outros. A sociolinguística como ciência que estuda a fala no contexto social, manifesta a heterogeneidade da língua, evidenciando, no entanto, diferentes maneiras da realização da fala. Assim,

a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. (MOLLICA e BRAGA , 2004, p.10)

Reconhecer assim, a heterogeneidade da nossa língua é o princípio da mudança do monolinguismo do Brasil. Para esse reconhecimento é necessário uma conscientização e reeducação da nossa população, diante disso, a escola possui uma grande responsabilidade de defender a realidade sobre a diversidade e revelar o multilinguismo.

É visto constantemente, nas escolas, a “norma culta” sendo considerada como maneira “correta” e de grande prestígio, no entanto é de suma relevância refletir sobre as múltiplas variações existentes e combater o preconceito linguístico, presente em nossa sociedade.

Com a finalidade de amenizar o preconceito linguístico na sala de aula, o docente possui um papel fundamental, juntamente dos livros didáticos, que são um suporte indispensável na construção da aprendizagem dos discentes. Romanatto (2004) aborda que o livro didático é um recurso eficiente para a aprendizagem dos discentes, porém é preciso saber utilizá-lo, de modo que, o educador explore ao máximo em função de alcançar os objetivos, sabendo enfatizar os pontos fortes e anular os seus pontos fracos.

A proposta é justamente analisar o conteúdo apresentado, verificando a forma como a variação linguística é tratada nos livros didáticos, uma vez que, esse material, abordando o tema de forma equivocada, ocasionará danos à aprendizagem, no contexto escolar e social.

O presente artigo tem como objetivos específicos abordar a Sociolinguística e o ensino da variação linguística na sala de aula. Além disso, averiguar conteúdos apresentados e a forma como são trabalhados pelos educadores.

A escolha do livro didático como objeto de análise deve-se ao fato de que o mesmo é um instrumento didático que exerce uma influência bastante significativa na prática pedagógica, de modo que, determina “o que” e “como” ensinar o conteúdo programático.

Foram selecionados para essa pesquisa, os seguintes livros didáticos:

Diálogo – Eliana Santos Beltrão (6º ano)

Tudo é linguagem – Ana Trinconi Borgatto (8º ano)

Português: linguagem, produção e gramática –Leila Lauer Sarmiento (5ª série)

Linguagem: criação e interação – Cássia Leslie Souza, Marcia Paganini Cavéquia (7º ano)

Linguagem: criação e interação – Cássia Leslie Souza, Marcia Paganini Cavéquia (9º ano)

2. A Sociolinguística e o ensino da Variação Linguística

A Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda a língua em seus aspectos linguísticos e sociais, ou seja, a relação língua/sociedade. A Linguística se constitui de manifestações da linguagem humana, e considera não apenas a forma correta (norma culta), mas todas as formas existentes de expressão da língua, diferentemente da gramática.

A Linguística difere da Gramática no sentido de que, para a Linguística, a principal regra é o entendimento da fala do que é comunicado. Na gramática, existem regras a serem cumpridas e a ênfase na noção de certo/errado. Temos a gramática como um conjunto de regras estabelecidas para a língua falada e escrita. Já a Linguística defende o entendimento da fala, isto é, se o receptor compreende a mensagem, a fala estará correta. A Linguística é uma ciência que estuda a linguagem humana em sua forma verbal.

Ao estudar a língua em seu contexto social, a sociolinguística nos revela a língua como um sistema heterogêneo, mostrando as variações de acordo com aspectos culturais, sociais, históricos e situacionais. É, basicamente, o estudo da língua falada em situações reais de uso. Segundo Alkimim,

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades, e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. (ALKIMIM, 2011, p. 21)

Em toda comunidade há diversidade e variação, isto é, diferentes modos de falar. Preti (1994, p.12) afirma que “a língua funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua.” O autor destaca a relação entre o falante e o lugar em que vive, de tal modo que cada indivíduo irá aprender a linguagem com demais falantes do seu convívio, em seu contexto social. Faz-se necessário destacar que a variabilidade é inerente a todo e qualquer sistema linguístico.

Os falantes são seres sociais e, nossa sociedade, é constituída de diferenças diversas, essas diferenças transparecerão sucessivamente na nossa linguagem, isto é, no nosso modo de falar. Orlandi (1996, p. 82) afirma que a linguagem “está estendida como mediação necessária, não é instrumento, mas é ação que transforma. Desse modo, não podemos estudá-la fora da sociedade [...]”. É perceptível a importância dessa relação linguagem x sociedade, não há como separá-las, faz-se necessário privilegiar a sociolinguística na sala de aula, e expandir a visão de cada discente, contribuindo em sua construção como sujeito social.

De acordo com Calvet (2002, p. 111) os tipos de variações linguísticas existentes são “variações diastráticas (correlatadas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatadas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatadas às faixas etárias).” Desse modo, percebe-se que não existe um padrão linguístico, pois os falantes usam a linguagem de acordo com circunstâncias sociais, geográficas, históricas e assim sucessivamente.

A escola recebe diversos falantes de uma comunidade. E essa comunidade apresenta um conjunto de variedades de raça, sexo, religião,

condição social, idade, nível de escolaridade, que reflete de certa forma, na língua falada. É função dos professores alertar os discentes que a variedade é comum na nossa língua.

Faz-se necessário demonstrar que a língua é um elemento vivo e dinâmico, que constantemente se modifica justamente pelo uso, e evolui ao longo do tempo. Nas aulas de Língua Portuguesa, quase sempre, dá-se prioridade à correção da língua, entretanto deve-se considerar todas as formas existentes de manifestações de linguagem, em que cada aluno apresentará sua maneira de expressão de acordo com seu contexto social. De acordo com Bagno,

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes. (BAGNO, 1999, p. 16)

O primeiro contato do falante é com a língua falada que, conseqüentemente, aprenderá e desenvolverá esse hábito de acordo com seu contexto social. Nas escolas, o ensino tradicional foca expressivamente na Gramática, valoriza a norma culta e, de certa forma, se mostra insuficiente no quesito de ensino da variação linguística, despertando no aluno o pensamento de que precisa falar corretamente em todas as ocasiões, concordando com as regras da Gramática. O educador deve ressaltar constantemente que não há uma maneira correta de falar, mas maneiras consideradas “adequadas” e “inadequadas” de acordo com o contexto do falante e nas muitas variadas situações de suas vidas, e demonstrar que na fala temos infinitas possibilidades de uso.

. 3. A Variação nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa

Os Livros Didáticos são de extrema relevância para o processo de ensino-aprendizagem e de grande influência para os educadores, visto que, mesmo diante da tecnologia, continuam sendo o principal meio de apoio na sala de aula. Grande parte dos livros de Língua Portuguesa apresenta defasagem na questão da variação linguística, sendo assim, o educador precisa obter meios diferenciados e suficientes para suprir as falhas que ainda são encontradas nesse recurso.

De acordo com o documento de avaliação do MEC (Ministério da Educação) o que deve constar nos livros didáticos é:

[...] integração ou articulação dos conteúdos e assuntos abordados; textos, ilustrações e atividades diversificados e que mencionem ou tratem situações do contexto de vida do aluno; estímulo à reflexão, ao questionamento, à criticidade; ilustrações com boa qualidade gráfica, visualmente atraentes, compatíveis com a nossa cultura, contendo legendas e proporções espaciais corretas; atividades experimentais de fácil realização e com material acessível, sem representar riscos físicos ao aluno; isenção de preconceitos socioculturais; manutenção de estreita relação com as diretrizes e propostas curriculares oficiais. (NETO e FRACALANZA, 2003, p. 148)

Nos livros didáticos, frequentemente, são vistas atividades que sugerem passar para a norma culta falas de personagens, como por exemplo, Chico Bento, em que reproduzem de forma equivocada a ideia de que a fala da personagem citada refere-se à região rural, e na realidade, algumas falas de tal personagem são encontradas nas mais variadas regiões do Brasil. De acordo com Bagno,

[...] somos obrigados a criticar e a desaprovar outra prática muito frequente nos livros didáticos: a de propor uma atividade de reescrita da fala do Chico Bento, do samba de Adoniran ou do poema de patativa, pedindo que o aluno “passe para a norma culta”. Em primeiro lugar, a gente viu que a expressão “norma culta” é ambígua e problemática. (BAGNO, 1999, p. 123).

O autor apresenta alguns livros didáticos que, além de privilegiar a norma culta, demonstram uma atitude preconceituosa diante das variações linguísticas.

De toda forma, faz-se necessário que os professores esclareçam aos discentes que na língua portuguesa há possibilidades diferenciadas de

comunicação, e que cabe a cada um deles, enquanto falantes, escolher e empregar as tais possibilidades ao contexto que mais considerar adequado. Além disso, a língua deve ser apresentada como um organismo vivo e mutável.

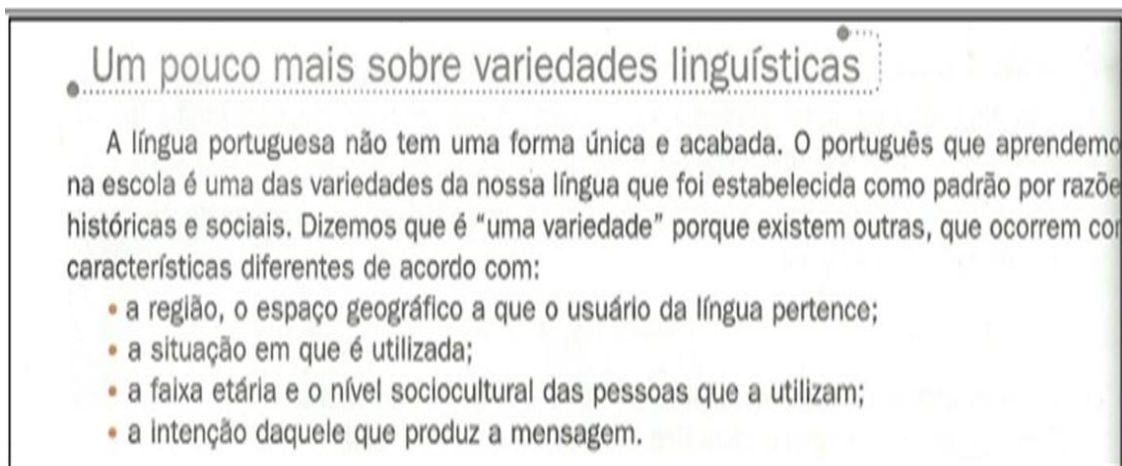
3.1 Análise e Descrição da Variação Linguística em Livros Didáticos

Com base nos conteúdos trabalhados nos livros didáticos foi possível perceber que parte deles apresenta a variação linguística de maneira satisfatória, no entanto, alguns livros que serviram de suporte para a presente pesquisa, não abordam o tema de forma adequada.

Partindo desse pressuposto, ingressa a atuação dos professores referente ao conteúdo apresentado em cada livro didático. Cabe aos educadores a função de facilitar a informação, combatendo conseqüentemente o preconceito linguístico existente em nossa sociedade.

Passemos à análise:

Imagem 1



(BORGATTO, A.T. **Tudo é linguagem**: língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p.124)


O trecho retirado do livro didático "Tudo é linguagem" trabalha a variação linguística de modo apropriado, pois abrange a existência de variedades na nossa língua e explícita as possibilidades de variações referentes à região, situação, faixa etária, nível sociocultural e intenção do falante. E aponta a

variação linguística, mostrando que o português abordado e trabalhado na sala de aula é uma das faces da língua, e acentua que a mesma não tem uma forma única e acabada.

Para o autor, o motivo de aprendermos a norma culta da língua, dá-se pelo motivo dele ter sido adotado como o padrão, por razões históricas e sociais. Ou seja, a norma padrão estudada na escola é um tipo de variedade da língua. Além disso, demonstra “igualdade” das línguas, mediante a perspectiva que não há modo único de falar, mas variedades.

É de suma importância trabalhar na sala de aula os tipos de variações existentes, como a atividade trabalhada no livro “Tudo é linguagem” esclarece bem a questão dessa variedade. Os livros didáticos juntamente com a atuação do educador possuem grande chance de passar o conteúdo para o alunado de forma correta, mostrando toda a variedade que compõe a nossa sociedade. Os alunos aderem ao conteúdo dos livros didáticos como verdade absoluta, desse modo, o conteúdo do livro mencionado é desenvolvido com precisão, uma vez que não privilegia a norma culta e assemelha essa norma a todas as variedades presentes na nossa língua. Geralmente no ambiente escolar, a norma culta apresenta grande prestígio e o trecho em análise possibilita uma boa discussão em sala, de modo que, o preconceito linguístico seja combatido.

Imagem 2



**Conversando
sobre linguagens**

A lenda e os “causos” lidos neste módulo são registros de narrativas orais e, por isso, apresentam, geralmente, marcas das tradições e culturas das comunidades de onde se originaram e que, por sua vez, são transmitidas de geração em geração.

Essas marcas regionais, sociais, geográficas e históricas constituem a identidade dessas comunidades e determinam as diferenças. Tais diferenças também se refletem na linguagem. Assim, as pessoas de uma comunidade ou região podem falar de maneiras diferentes de outras que vivem em diversas localidades do país.

No Brasil, existem muitos “dizeres”, isto é, variações linguísticas dada a extensão territorial, a influência indígena, africana, europeia e outros fatores. Como resultado dessas diferenças, algumas expressões próprias de uma região, muitas vezes, adquirem sentidos completamente diferentes em outras regiões do país.

Veja alguns “dizeres da nossa gente”.

No Maranhão:
Ser um alho é ser vivo, esperto, ladino.
Caçar barulho é procurar confusão, encrenca.

No Piauí:
Dizer cobras e lagartos é dizer o que bem quiser.
Ganhar chão é fugir.

Em São Paulo:
Ficar na rabeira é ficar para trás, ser o último colocado.
Farofa é gabolice, contar garganta.

No Rio Grande do Norte:
Bode é conquistador, macho.
Preguiçosa é cadeira de madeira e lona.

Em Santa Catarina:
Compositor é tratador de cavalos de corrida.
Piã é guri, moleque.

Em Goiás:
Achar certidão é encontrar roteiro, rumo, caminho.
Comer na gaveta é ser avarento, pão-duro.

No Rio Grande do Sul:
Arrastar a asa é namorar, galantear.
Queimar campo é mentir ou exagerar a verdade.

(BELTRÃO, E.S.GORDILHO, T. **Dialógo**, 6º ano, São Paulo FTD, 2009, p.139).

O fragmento presente no livro “Diálogo” trabalha a variação linguística regional. Demonstra com clareza e objetividade a existência de variantes de acordo com a região do falante. São mencionados estados brasileiros como Maranhão, Piauí, São Paulo, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Goiás, Rio Grande do Sul, e conseqüentemente exemplos de “dizeres” específicos de cada região. É de nosso conhecimento que cada região do Brasil apresenta diferenças na fala, expressões que divergem de acordo com a localidade de cada indivíduo. Além dos exemplos citados no livro didático trabalhado, existem infinitos outros.

O livro “Diálogo” toma as lendas e causos como modo de apresentar as variações. Quando o aluno se depara com o texto percebe as variações: palavras que fazem parte de seu cotidiano sendo escritas ou faladas de forma

diferente. Essa diferença é marcada ainda, quando o autor aponta os diferentes “dizeres” a marcas regionais, deixando claro a presença de algumas expressões próprias de algumas regiões do país.

Imagem 3



(SARMENTO, L.L. **Português**: leitura, produção e gramática. 5ª série, São Paulo: moderna, 2008, p.21)

A tirinha de Ziraldo, não aborda com precisão a variação linguística. Além disso, faz referência a palavras escritas com “l” mas que pronunciadas

utilizando a letra “r”. As palavras em destaque são “craro”, “cróvis”, “Maria Crara”, gerando sucessivamente o preconceito linguístico. Seguindo esse pensamento uma das personagens afirma que o papagaio necessita de um professor de português, ao se pronunciar dessa maneira expõe-se a ideia de “erro”.

O preconceito linguístico surge da ideia de que a Língua Portuguesa é única e correta, tomando por base as regras da gramática, porém isso é uma inverdade. Esse preconceito deve ser trabalhado nas escolas, pois o mesmo nada mais é que uma forma de exclusão social.

O papel do professor é fundamental nesse momento, uma vez que deve salientar aos discentes que a fala do papagaio estabelece relação com a fala do seu dono, revelando, pois, que o papagaio aprendeu desta maneira. E também demonstrar que não é socialmente uma maneira prestigiada, porém deve ser respeitada.

Imagem 4

-Estado civil?

-Vô dizê umas coisa pro senhô, seu moço; esse negócio de política, eu não entendo não.

-Não é política não, seu Durvalino. Eu quero saber se o senhor é casado.

-Ah, bão! Pra lhe falá a verdade, sou, sim senhô, de paper passado e tudo. Tá lá a Conceição que num me deixa menti.

-Não é preciso comprovar, seu Durvalino, sua palavra basta. O senhor possui prole?

-Bão, seu moço, prole das grande eu num possuo não. Se o senhô oiá dereito, pode vê que meu sítio é dos pequenininho, tá mais pra prolezinha mesmo, sim senhô.

-Desculpe, seu Durvalino, eu vou ser mais claro. O senhor possui filhos?

-Ah! Prole é fio? [...]

Quando você discutiu com seus colegas sobre a existência ou não de uma maneira correta e outra incorreta de falar, provavelmente as opiniões foram variadas. Em relação a essa questão, é importante compreender que o modo de falar de cada pessoa varia devido a alguns fatores, como já foi dito anteriormente. Pensar que só existe uma forma de falar considerada correta (a variedade urbana de prestígio social ou norma culta padrão) não corresponde à verdade. As várias maneiras de falar não são melhores nem piores; apenas diferentes. Toda variedade da língua portuguesa possui o seu valor no contexto em que ocorre. Respeitar o modo de falar de cada pessoa é importante. Além disso, conhecer as diferentes formas de linguagem é necessário para que não fiquemos tal qual seu Durvalino: sem compreender a mensagem, ou como Mariovaldo: sem saber como se fazer entender.

(SOUZA, C.L.G.CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem**: criação e interação: 7º ano. São Paulo: Saraiva 2010, p.98) .

No livro “Linguagem: criação e interação” são discutidas as maneiras: correta e incorreta de falar. Em uma entrevista realizada entre dois homens aparentemente diferentes em relação fatores referentes à faixa etária, região e classe social. O entrevistador demonstra dominar a língua culta, denominada padrão, já o entrevistado demonstra não entender alguns termos falados em perguntas da entrevista, termos como “estado civil” e “prole”.

Além disso, as autoras expressam perfeitamente as maneiras diferenciadas presentes na nossa língua, mostrando ser errado defender a concepção do “correto” e “incorreto”, fazendo-se necessário haver respeito no que se refere aos diferentes modos de falar.

Imagem 5

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. [...]

(SOUZA, C.L.G.CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem**: criação e interação: 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2010, p.44)

No fragmento do texto Antigamente – Carlos Drummond de Andrade, a variação linguística é trabalhada de uma forma diferente. Na apresentação de um texto de outra época é perceptível algumas marcas não usadas no cotidiano atual, demonstrando termos utilizados que com o passar do tempo, foram entrando em desuso.

No livro, é permitido um debate sobre a variação histórica, esta que contorna este texto quando comparado ao mundo atual. O docente deve ser figura ativa na perspectiva de mostrar ao aluno que a língua é viva, dinâmica e sujeita à modificação.

Ademais, mais uma vez, fica notório a multiface de nossa língua, marcada pela sociedade, tempo e uso/desuso, ou seja, aspectos externos.

Considerações Finais

A partir dos estudos realizados e dos aspectos aqui mencionados, pode-se concluir que parte dos livros didáticos utilizados para a análise não abordam os conteúdos propostos de forma satisfatória, como os livros “Português: Leitura e Produção”, onde não apresenta a existência do preconceito linguístico, e os livros “Linguagem: criação e interação”, onde não ressaltam os tipos de variações existentes, focando apenas um tipo de variação. Independentemente de ainda não se trabalhar a variação linguística de modo devido, é notável que parte dos autores possuem uma visão adequada da necessidade de abordar com clareza esse tema tão importante, e esse é um passo relevante para obtermos avanços no ensino de Língua Portuguesa.

Alguns livros ainda superficializam a variação linguística. No entanto, esse conteúdo não pode ser negligenciado na sala de aula, visto que é essencial na formação do discente e em sua participação social. Em relação aos livros que não abrange a variação de forma adequada, o professor deverá ir além do que é proposto no livro didático e utilizar-se de meios diferenciados para complementar o assunto trabalhado e contribuir cada vez mais com o alunado no processo de ensino-aprendizagem. Os docentes devem ter autonomia suficiente para promover um ensino linguístico adequado, conscientizando o preconceito linguístico e relevando assim a variação linguística da maneira correta. Apesar de o livro didático ser um dos recursos de alta utilidade e valor, é imprescindível que o educador não se apoie apenas neste e faça uso de demais recursos que sirvam como complemento, dispondo de meios diferenciados para uma melhor compreensão dos alunos no que diz respeito a variação linguística.

Por fim, intenciona-se com a presente pesquisa, a compreensão de que o livro didático é um dos objetos norteadores e não o único. E quanto ao educador, necessita expressar a realidade linguística da nossa sociedade; não privilegiar a norma culta/padrão; demonstrar a variação linguística como um fato social e cultural da nossa língua. Assim, o livro didático pode ser um

importante apoio ao professor para a construção da aprendizagem dos discentes, evidenciando cada vez mais, na sala de aula, a língua como um fato social, variável, e característico de cada falante.

Referências Bibliográficas

ALKIMIM, T. M. Sociolinguística, parte I. In: MUSSALLIN, F; BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução a linguística**: domínios e fronteiras. V.1. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BELTRÃO, E.S.GORDILHO, T. **Dialógo**, 6º ano, São Paulo FTD, 2009.

BORGATTO, A.T. **Tudo é linguagem**: língua portuguesa. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009

CALVET, L.J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MOLLICA, M. C. BRAGA, M.L. **Introdução a linguística**: o tratamento da variação. 2.ed-São Paulo: Contexto, 2004.

NETO, J. M; FRACALANZA, H. **O livro didático de ciências**: problemas e soluções. Ciência e Educação, 2003, p. 147-157.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed, Campinas: São Paulo: Pontes, 1996

PRETI, D. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 1994.

ROMANATTO, M. **O livro didático**: alcances e limites. São Paulo, 2004. Disponível em www.revistas.unijorge.edu.br acesso em 18/08/2016

SARMENTO, L.L. **Português**: leitura, produção e gramática. 5ª série, São Paulo: moderna, 2008.

SOUZA, C.L.G.CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem**: criação e interação: 7º ano. São Paulo: saraiva, 2010.

SOUZA, C.L.G.CAVÉQUIA, M. P. **Linguagem**: criação e interação: 9º ano. São Paulo: saraiva, 2010.